



MUDANÇAS CLIMÁTICAS E SAÚDE MENTAL: QUANDO O CLIMA TAMBÉM AFETA EMOÇÕES E RELAÇÕES

CLIMATE CHANGE AND MENTAL HEALTH: WHEN CLIMATE ALSO AFFECTS EMOTIONS AND RELATIONSHIPS

CAMBIO CLIMÁTICO Y SALUD MENTAL: CUANDO EL CLIMA TAMBIÉN AFECTA LAS EMOCIONES Y LAS RELACIONES

Anderson Ricardo Martins¹

Leandro Aparecido Fonseca Missiatto²

Douglas Antoni de Jesus Sousa³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo explorar os efeitos das mudanças climáticas na saúde mental, destacando conceitos como eco-ansiedade e solastalgia, além de analisar como populações vulneráveis são mais afetadas emocionalmente por desastres ambientais. As reflexões decorrem de análises da literatura que aponta para a crescente incidência de sofrimento psicológico ligado à degradação ambiental. As discussões abordam a relação histórica e cultural entre saúde mental e o meio ambiente, enfatizando a importância de fortalecer redes de apoio, espaços de diálogo e políticas públicas que promovam justiça social e ambiental. Ressalta-se a necessidade de transformação na formação de profissionais de saúde mental, que devem estar preparados para atuar em contextos de desastres climáticos, promovendo ações que integrem cuidado psicológico, defesa da Natureza e engajamento social. As principais conclusões apontam que as desigualdades estruturais intensificam os efeitos psicológicos das mudanças climáticas, especialmente entre grupos marginalizados, e que a compreensão dessas conexões é fundamental para o desenvolvimento de estratégias de resiliência e recuperação emocional. Para avançar, recomenda-se uma abordagem interdisciplinar, com maior ênfase na defesa ambiental, na formação profissional e na implementação de políticas de justiça social, promovendo um futuro mais sustentável e emocionalmente saudável para todos.

Palavras-chave: mudanças climáticas; saúde mental; eco-ansiedade; solastalgia; justiça social.

1 Tribunal de Justiça de Rondônia (TJRO). E-mail: andersonmartins@tjro.jus.br

2 Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: leandro.missiatto@gmail.com

3 Superintendência de Educação do Estado de Rondônia.
E-mail: doug.antoni29@gmail.com



ABSTRACT

This article aims to explore the effects of climate change on mental health, highlighting concepts such as eco-anxiety and solastalgia, in addition to analyzing how vulnerable populations are more emotionally affected by environmental disasters. The reflections arise from analyzes of the literature that points to the growing incidence of psychological suffering linked to environmental degradation. The discussions address the historical and cultural relationship between mental health and the environment, emphasizing the importance of strengthening support networks, spaces for dialogue and public policies that promote social and environmental justice. The need for transformation in the training of mental health professionals is highlighted, who must be prepared to work in contexts of climate disasters, promoting actions that integrate psychological care, defense of Nature and social engagement. The main conclusions indicate that structural inequalities intensify the psychological effects of climate change, especially among marginalized groups, and that understanding these connections is fundamental for the development of resilience and emotional recovery strategies. To move forward, an interdisciplinary approach is recommended, with greater emphasis on environmental defense, professional training and the implementation of social justice policies, promoting a more sustainable and emotionally healthy future for everyone.

Keywords: climate change; mental health; eco-anxiety; solastalgia; social justice.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo explorar los efectos del cambio climático en la salud mental, destacando conceptos como ecoansiedad y solastalgia, además de analizar cómo las poblaciones vulnerables se ven más afectadas emocionalmente por los desastres ambientales. Las reflexiones surgen de análisis de la literatura que señala la creciente incidencia del sufrimiento psicológico vinculado a la degradación ambiental. Los debates abordan la relación histórica y cultural entre la salud mental y el medio ambiente, enfatizando la importancia de fortalecer redes de apoyo, espacios de diálogo y políticas públicas que promuevan la justicia social y ambiental. Se destaca la necesidad de transformación en la formación de profesionales de la salud mental, quienes deben estar preparados para actuar en contextos de desastres climáticos, promoviendo acciones que integren la atención psicológica, la defensa de la Naturaleza y el compromiso social. Las principales conclusiones indican que las desigualdades estructurales intensifican los efectos psicológicos del cambio climático, especialmente entre los grupos marginados, y que comprender estas conexiones es fundamental para el desarrollo de estrategias de resiliencia y recuperación emocional. Para avanzar, se recomienda un enfoque interdisciplinario, con mayor énfasis en la defensa ambiental, la formación profesional y la implementación de políticas de justicia social, promoviendo un futuro más sostenible y emocionalmente saludable para todos.

Palabras clave: cambio climático; salud mental; ecoansiedad; solastalgia; justicia social.

INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas, antes consideradas uma ameaça futura, já se fazem presentes no cotidiano global, alterando paisagens, modos de vida e, de forma cada vez mais evidente, impactando a saúde mental das populações (Szyniszewska et al., 2024). Eventos extremos como ondas de calor, secas, enchentes e queimadas, aliados à incerteza sobre o futuro, não apenas afetam o corpo físico, mas também geram profundas repercussões emocionais e sociais (IPCC, 2019). Este artigo tem como objetivo explorar os efeitos psicológicos das mudanças climáticas, com foco em conceitos como eco-ansiedade e solastalgia, e discutir como esses fenômenos afetam indivíduos e comunidades, especialmente aqueles em situações de vulnerabilidade.

Para realizar essa reflexão, o artigo aborda os conceitos básicos para estas discussões e se baseia em estudos, além de casos que ilustram os impactos concretos das mudanças climáticas na saúde mental, utilizando exemplos recentes de desastres ambientais no Brasil, como as cheias do Rio Madeira em 2014 e as enchentes devastadoras no Rio Grande do Sul em 2024. O texto aborda ainda a desigualdade na distribuição desses impactos, destacando como grupos marginalizados — como comunidades tradicionais, mulheres, crianças e idosos — são afetados de forma mais intensa.

A partir dessa análise, o artigo propõe uma reflexão sobre a importância de integrar a saúde mental às discussões sobre justiça climática e ambiental. Argumenta-se que cuidar da Terra e promover a resiliência emocional são ações interligadas, essenciais para construir um futuro mais equilibrado e saudável para todos. Por meio de uma abordagem interdisciplinar, que combina insights da psicologia, sociologia e estudos ambientais, o texto busca contribuir para a compreensão dos desafios psíquicos impostos pela crise climática e apontar caminhos para o cuidado coletivo e a transformação social.

DESENVOLVIMENTO

O que é eco-ansiedade e solastalgia?

O planeta tem ficado cada vez mais quente e isso não altera apenas os ecossistemas, a humanidade tem passado por profundas transformações em decorrência desse fenômeno (IPCC, 2018). Seja na ordem individual ou coletiva, as mudanças climáticas decorrentes do aquecimento global têm influência nas experiências humanas e no modo como nos relacionamos.

Por aquecimento global, entende-se o fenômeno do aumento gradual das temperaturas médias da atmosfera terrestre e dos oceanos, causado principalmente pela emissão de gases de efeito estufa (GEE) resultantes de atividades humanas, como a queima de combustíveis fósseis, desmatamento e atividades industriais (Batibeniz; Hauser; Seneviratne, 2023).

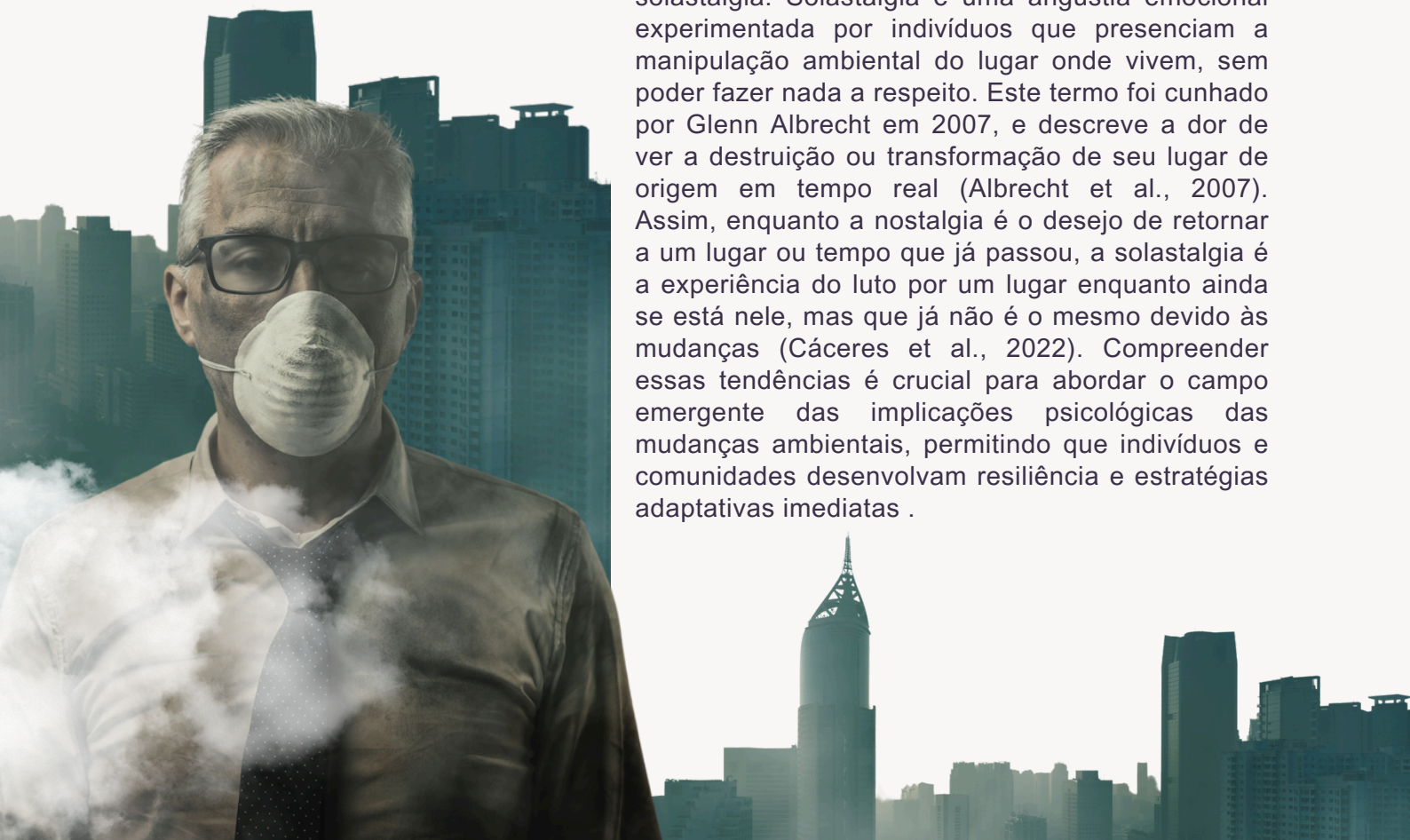


Este fenômeno tem um impacto significativo sobre o clima, levando a mudanças climáticas, que incluem alterações nos padrões de precipitação, aumento na frequência e intensidade de eventos climáticos extremos, como furacões, secas e inundações, e outras perturbações ambientais (IPCC, 2019).

As primeiras evidências científicas de que as ações humanas estavam alterando a temperatura da Terra, são de meados do século XIX, desde então, cientistas de todo o mundo tem reunido esforços para catalogar e compreender esse fenômeno (Wilson; Law, 2009). Uma importante instituição que atua nesta área é a Organização das Nações Unidas (ONU), que desde 1988 articula e gerencia o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC na sigla em inglês) — organização dedicada a avaliar o conhecimento científico sobre mudanças climáticas. O IPCC fornece relatórios abrangentes que agregam pesquisas realizadas em diversas localidades no mundo por entidades públicas e privadas independentes, delineando o estado atual do clima da Terra, seus possíveis futuros impactos, e opções de mitigação e adaptação (IPCC, 2023).

Com o aumento na conscientização sobre os impactos do aquecimento global, o fenômeno da eco-ansiedade tem se tornado mais prevalente. Segundo a Associação Americana de Psicologia (APA, sigla para o nome em inglês), a eco-ansiedade está relacionada ao sofrimento psicológico derivado da preocupação com a deterioração ambiental e as implicações que isso tem para o futuro do planeta e das próximas gerações (APA, 2017). Esse tipo de ansiedade pode impactar significativamente a saúde mental e o bem-estar das pessoas, resultando em sentimentos de medo, raiva, tristeza e desespero. Os sentimentos comuns na eco-ansiedade são medo, tristeza, raiva ou até mesmo uma angústia difusa diante do que está acontecendo com a Terra (Betro, 2024)

Além da eco-ansiedade, há também o conceito de solastalgia. Solastalgia é uma angústia emocional experimentada por indivíduos que presenciam a manipulação ambiental do lugar onde vivem, sem poder fazer nada a respeito. Este termo foi cunhado por Glenn Albrecht em 2007, e descreve a dor de ver a destruição ou transformação de seu lugar de origem em tempo real (Albrecht et al., 2007). Assim, enquanto a nostalgia é o desejo de retornar a um lugar ou tempo que já passou, a solastalgia é a experiência do luto por um lugar enquanto ainda se está nele, mas que já não é o mesmo devido às mudanças (Cáceres et al., 2022). Compreender essas tendências é crucial para abordar o campo emergente das implicações psicológicas das mudanças ambientais, permitindo que indivíduos e comunidades desenvolvam resiliência e estratégias adaptativas imediatas .



Situações concretas: cheias, perdas e traumas

No Brasil, os impactos das mudanças climáticas vêm se tornando cada vez mais visíveis e dolorosos. Em 2014, a cheia histórica do Rio Madeira, em Rondônia, atingiu mais de 30 mil famílias apenas em Porto Velho. Muitas pessoas perderam suas casas, plantações, animais e tiveram que abandonar comunidades inteiras, sofrendo não apenas com prejuízos materiais, mas também com a ruptura dos laços familiares, sociais e culturais (Franca; Mendonça, 2019).

Mais recentemente, em 2024, o Rio Grande do Sul enfrentou um dos maiores desastres climáticos de sua história: tempestades e enchentes devastadoras afetaram mais de 2,3 milhões de pessoas, atingindo 471 municípios — quase 95% de todas as cidades gaúchas. No pior momento das chuvas, cerca de 79 mil pessoas ficaram sem abrigo, muitas delas tendo suas casas levadas ou destruídas pela força das águas (Maringo *et al.*, 2024). Além dos danos visíveis, houve perdas irreparáveis: vidas interrompidas, histórias desfeitas, lares engolidos pela lama, memórias apagadas junto com fotografias, documentos, objetos de valor afetivo e raízes familiares dificilmente reconstruídas (Rizzotto; Costa; Lobato, 2024).

Nessas situações, o sofrimento vai muito além da perda de bens materiais. O luto por entes queridos, a sensação de insegurança e a impotência diante do que não pode ser recuperado geram ansiedade, medo, depressão e traumas psicológicos (Van Susteren; Pollack, 2019). Muitas vezes, as pessoas relatam insônia, crises de pânico, tristeza profunda e dificuldade de se adaptar a uma nova rotina longe de casa. O impacto é ainda maior quando a perda envolve não só o espaço físico, mas também a história, as lembranças e o sentimento de pertencimento (Senay *et al.*, 2021).

Quem mais sente os efeitos psicológicos?

As mudanças climáticas, embora impactem todas as pessoas, não o fazem de maneira equitativa (Blank, 2015). As desigualdades estruturais, como as de raça, gênero, classe social, condição física e geopolítica, são exacerbadas em tempos de crise ambiental. Por exemplo, comunidades racializadas frequentemente habitam áreas mais suscetíveis a desastres naturais, devido a políticas históricas de segregação e desvalorização territorial. Mulheres, muitas vezes responsáveis pelas tarefas domésticas e cuidado dos filhos, enfrentam desafios adicionais quando recursos naturais se tornam escassos, como água e alimentos. Pessoas com deficiência podem encontrar obstáculos em acessar abrigos ou assistência adequados durante eventos climáticos extremos.

Outra problematização diz respeito a atuação dos sistemas que estruturam as desigualdades, já que operam de modo interseccional, ou seja, eles se cruzam e se reforçam reciprocamente, agravando ainda mais a vulnerabilidade de determinadas pessoas e grupos diante das crises ambientais (Lykke, 2009). Interseccionalidade é uma abordagem que reconhece que as categorias de identidade, como raça, gênero, classe social, condição física e origem étnica, não atuam isoladamente, mas se interligam, formando experiências únicas de opressão ou privilégio (Crenshaw, 1991). Essa perspectiva evidencia que indivíduos que pertencem a múltiplos grupos vulneráveis enfrentam riscos ampliados e impeditivos adicionais na tentativa de lidar com os efeitos das mudanças climáticas. Assim, a interseccionalidade impacta ainda mais essas pessoas, pois suas vulnerabilidades se acumulam, dificultando o acesso a recursos, direitos e políticas de proteção e adaptação, além de comprometer sua saúde mental e física em situações de desastres ambientais (Duarte; Silva; Lopes, 2022).

Além disso, a distribuição desigual de recursos econômicos e o acesso limitado a decisões políticas internacionais fazem com que nações em desenvolvimento, e aquelas situadas em regiões geograficamente vulneráveis, enfrentem as maiores dificuldades para implementar estratégias de mitigação e adaptação ao aquecimento global (Torres *et al.*, 2021). Esses países, frequentemente no Sul Global, não apenas sofrem com os impactos ambientais diretos, mas também com os indiretos, como desestabilização econômica e social, que intensificam os problemas de saúde mental dentro de suas populações (Loose; Resende, 2024).

Nesse sentido, as populações historicamente vulnerabilizadas — como comunidades ribeirinhas, indígenas, quilombolas, moradores de periferias urbanas ou regiões sujeitas a desastres —, por já terem enfrentado diversos sistemas de dominação e opressão, são particularmente suscetíveis ao sofrimento psicológico decorrente dos eventos climáticos intensos (Lykke, 2009). Esses grupos têm, em geral, menor acesso a programas de saúde mental, políticas públicas e suporte psicológico, amplificando os efeitos negativos das mudanças climáticas sobre sua saúde mental (Gianfredi *et al.*, 2024). O estresse adicional de lidar com condições econômicas precárias pode limitar ainda mais sua capacidade de adaptação, tornando a luta contra a eco-ansiedade e a solastalgia mais desafiante. Portanto, entender e mitigar os impactos desiguais do clima é vital para abordar as mudanças climáticas como um problema de justiça social, promovendo intervenções que levem em consideração a interseccionalidade das identidades e condições das populações afetadas.

Saúde mental e Natureza

A conexão entre saúde mental e ambiente é uma relação profundamente enraizada na história da humanidade (Ibanez; Zimmerman, 2023). Povos tradicionais, indígenas e comunidades que vivem em harmonia com a natureza sempre reconheceram essa conexão, valorizando os ambientes naturais como fontes de equilíbrio, cura e sentido de vida. Quando esses ambientes se degradam por desmatamento, poluição, mudanças climáticas ou destruição de habitats, o impacto não se limita às doenças físicas, mas também se manifesta como sofrimento psicológico, ansiedade, tristeza e desesperança. A perda de conexão com a Terra pode



gerar sentimentos de luto, impotência e até transtornos psíquicos mais graves, refletindo a importância de manter vínculos com o meio ambiente como estratégias de promoção do bem-estar emocional (Makram et al., 2024).

Por outro lado, cultivar uma relação respeitosa e cuidada com a Natureza — por meio de práticas culturais, espirituais ou de autocuidado, como jardinagem, caminhadas em espaços verdes ou atividades comunitárias ambientais — funciona como uma poderosa fonte de proteção emocional (Krenak, 2020). Essas ações ajudam a fortalecer a resiliência, a esperança e o sentimento de pertencimento, essenciais para lidar com a ansiedade e o medo diante das crises ambientais contemporâneas. Assim, a defesa dos direitos da Natureza deixa de ser uma questão apenas ambiental ou política, e passa a ser uma estratégia de promoção da saúde integral, promovendo o equilíbrio entre o indivíduo, a comunidade e o planeta, garantindo o bem-estar das futuras gerações.

No entanto, enfrentar efetivamente os impactos psicológicos das mudanças climáticas exige um esforço coordenado que ultrapasse ações individuais. É urgente fortalecer redes de apoio, criar espaços de escuta, promover diálogos e implementar políticas públicas capazes de promover justiça ambiental e saúde mental de forma integrada. Iniciativas como rodas de conversa, grupos de apoio, práticas de autocuidado, ações ao ar livre e mobilizações comunitárias têm papel fundamental nessa transformação, ajudando a transformar o medo e a tristeza em ações concretas, solidariedade e esperança. Essas estratégias também requerem que profissionais de saúde mental estejam preparados para atuar em contextos de desastres climáticos, reconhecendo e acompanhando os prejuízos psicológicos decorrentes desses eventos (Makram et al., 2024).

Para isso, é fundamental que haja uma profunda transformação na formação de profissões tradicionais na área da saúde mental, como psicologia e psiquiatria. Essa formação deve incorporar conhecimentos sobre os impactos ambientais na saúde mental, promover habilidades em intervenção em crises coletivas ligadas às mudanças climáticas e estimular o engajamento político e social dessas categorias na defesa da Natureza. Profissionais de saúde mental precisam atuar não apenas na assistência clínica, mas também como aliados na luta por políticas públicas que protejam o meio ambiente e promovam a justiça social.

Essa integração entre saúde mental e sustentabilidade é essencial para construir uma sociedade mais resiliente, consciente e comprometida com a preservação do planeta e o bem-estar das populações mais vulneráveis.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo reafirma a complexa e profunda relação entre as mudanças climáticas e a saúde mental, evidenciando que as ações humanas que provocam o aquecimento global não afetam apenas o meio ambiente, mas também o bem-estar emocional das populações. Os fenômenos de eco-ansiedade e solastalgia ilustram como o sofrimento psicológico é uma resposta legítima às transformações ambientais, sendo agravado por fatores de vulnerabilidade histórica e estrutural. Situações de desastres, como enchentes e queimadas, revelam que o impacto emocional transcende a perda material, instaurando sentimentos de luto, impotência, ansiedade e desesperança, especialmente entre grupos marginalizados e comunidades tradicionais, que frequentemente possuem menor acesso a políticas de assistência e suporte psicológico adequados.

A discussão evidencia também que as desigualdades sociais, raciais, de gênero, de classe e de condição física exacerbam os efeitos psicossociais das mudanças climáticas. Essas disparidades reforçam a necessidade de uma abordagem interseccional na formulação de políticas públicas e práticas de atuação profissional. As populações mais vulneráveis, já marcadas por sistemas de opressão, permanecem à margem das ações de mitigação e adaptação, sofrendo de forma desproporcional os efeitos emocionais e físicos das crises ambientais. Assim, é imperativo que as ações de enfrentamento às mudanças climáticas também integrem a promoção da justiça social, reconhecendo a interdependência entre saúde mental, direitos humanos e preservação ambiental.

Outro aspecto fundamental abordado neste trabalho é a necessidade de uma transformação na formação dos profissionais de saúde mental, como psicólogos e psiquiatras. Esses profissionais devem estar capacitados para atuar em contextos de desastre climático, reconhecendo o impacto psicológico das mudanças ambientais e participando ativamente de políticas e ações de defesa do meio ambiente. Promover a resiliência emocional, criar redes de apoio e fortalecer espaços de diálogo e autocuidado são estratégias essenciais, que pressupõem uma abordagem mais integrada e sensível às conexões entre natureza e saúde mental.

Por fim, é evidente que a luta contra os efeitos psíquicos das mudanças climáticas requer um esforço coletivo, envolvendo não apenas profissionais de saúde, mas também a sociedade civil, organizações ambientais e o poder político. A relação com a natureza deve ganhar maior espaço na agenda social e política, promovendo ações que resgatem vínculos transformadores com o ambiente natural e possibilitando o desenvolvimento de uma cultura de cuidado, solidariedade e sustentabilidade. Somente assim será possível construir uma sociedade mais resiliente, justa e atenta às questões emocionais humanas diante da crise ambiental global.



Anderson Ricardo Martins. Analista Judiciário/ Psicólogo do Tribunal de Justiça de Rondônia desde 2013. Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Rondônia/ UNIR; Especialista em Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo/ IPUSP; Capacitado em Alienação Parental; Novo Código de Processo Civil; Elaboração de Laudos e Pareceres, Escuta de crianças e adolescentes em situação de violência, entre outros pelo PJRO.

Leandro Aparecido Fonseca Missiatto. Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR) com conclusão em 2017, e graduado em Psicologia pela Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal (Facimed) em 2012. Analista Processual na Especialidade de Psicologia no Tribunal de Justiça do Estado de Rondônia (TJRO). Membro da equipe de especialistas do Programa Harmony With Nature das Nações Unidas (ONU). Professor do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia.

Douglas Antoni de Jesus Sousa. Graduado em Psicologia - Estácio FAP Faculdade de Pimenta Bueno - RO (2024). Especialização em Saúde Pública com Ênfase em Saúde da Família (2024). Instituto Nacional de Educação e Extensão (INEX). Especialização em Neuropsicologia (2024). Faculdade Vales de Minas (EducaVales). Especialização em Psicologia do Desenvolvimento (2024). Faculdade Vales de Minas (EducaVales). Especialização em Terapia Cognitivo Comportamental (2024). Faculdade Anísio Teixeira (FAT). Especialização em Psicologia Educacional e Escolar (2024). Instituto Ser Psicólogo. Facilitador em Justiça Restaurativa (2024) pela Emeron. Exerceu o cargo de Diretor de Central Psicossocial da Educação - Secretaria Municipal de Educação de Pimenta Bueno - SEMED. Coordenador do Comitê Municipal de Gestão Colegiada da Rede de Cuidado e de Proteção Social das Crianças e dos Adolescentes Vítimas ou Testemunhas de Violência (COMGECO).

REFERÊNCIAS

ALBRECHT, G.; SARTORE, G. M.; CONNOR, L.; HIGGINBOTHAM, N.; FREEMAN, S.; KELLY, B.; STAIN, H.; TONNA, A.; POLLARD, G. Solastalgia: the distress caused by environmental change. **Australasian Psychiatry: Bulletin of Royal Australian and New Zealand College of Psychiatrists**, v. 15, supl. 1, p. S95–S98, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1080/10398560701701288>.

APA. **Mental health and our changing climate: impacts, implications, and guidance**. Washington, DC: APA, 2017. Disponível em: <https://www.apa.org/news/press/releases/2017/03/mental-health-climate.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2025.

BATIBENIZ, F.; HAUSER, M.; SENEVIRATNE, S. I. Countries most exposed to individual and concurrent extremes and near-permanent extreme conditions at different global warming levels. **Environmental systems data**, v. 14, n. 2, p. 485–505, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5194/esd-14-485-2023>.

BETRO, S. From eco-anxiety to eco-hope: surviving the climate change threat. *Frontiers in Psychiatry*, v. 15, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsy.2024.1429571>. Acesso em: 15 mai. 2025.

BLANK, D. M. P. O contexto das mudanças climáticas e as suas vítimas. **Mercator (Fortaleza)**, v. 14, n. 2, p. 157–172, maio de 2015. DOI: <https://doi.org/10.4215/RM2015.1402.0010>.

CÁCERES, C.; LEIVA-BIANCHI, M.; SERRANO, C.; ORMAZÁBAL, Y.; MENA, C.; CANTILLANA, J. C. What is solastalgia and how is it measured? SOS, a validated scale in population exposed to drought and forest fires. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 20, p. 13682, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph192013682>.

Crenshaw, K. (1991). Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, 43(6), 1241-1299. DOI: <https://doi.org/10.2307/1229039>.

DUARTE, B. M.; SILVA, N. T. C. da; LOPES, I. da S. Interseccionalidade e mudanças climáticas: um estado da arte sobre o racismo ambiental no Brasil e seus outros. **Sêmata: Ciências Sociais e Humanidades**, v. 34, 2022. DOI: <https://doi.org/10.15304/semata.34.8763>.

FRANCA, R. R.; MENDONÇA, F. A. A cheia histórica do Rio Madeira no ano de 2014: riscos e impactos à saúde em Porto Velho (RO). **Hygeia**, v. 14, n. 3, p. 100–112, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/download/30374/17744/133307>. Acesso em: 14 mai. 2025.

GIANFREDI, V. et al. Climate change perception and mental health: results from a systematic review of the literature. *European Journal of Investigation in Health*, **Psychology and Education**, v. 14, n. 1, p. 215–229, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3390/ejihpe14010014>.

IBANEZ, A.; ZIMMERMAN, E. R. It's time to synergize mental health with brain health. **Nature Mental Health**, v. 1, p. 441–443, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1038/s44220-023-00086-0>.

IPCC. **Aquecimento global de 1,5°C: relatório especial do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) sobre os impactos do aquecimento global de 1,5°C acima dos níveis pré-industriais e respectivas trajetórias de emissão de gases de efeito estufa, no contexto do fortalecimento da resposta global à ameaça da mudança do clima, do desenvolvimento sustentável e dos esforços para erradicar a pobreza.** Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/relatorios-do-ipcc/arquivos/pdf/relatorio-executivo-08-07-web.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

IPCC. Climate Change and Land: an IPCC special report on climate change, desertification, land degradation, sustainable land management, food security, and greenhouse gas fluxes in terrestrial ecosystems. Summary for Policymakers. In: SHUKLA, P. R. et al. (Orgs.). **Climate change and land: an IPCC special report on climate change, desertification, land degradation, sustainable land management, food security, and greenhouse gas fluxes in terrestrial ecosystems.** 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/relatorios-do-ipcc/arquivos/pdf/srcl-port-web.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

IPCC. **Climate Change 2023: synthesis report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Summary for policymakers.** Geneva: IPCC, 2023. p. 1-34. DOI: 10.59327/IPCC/AR6-9789291691647.001.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2020.

LOOSE, E. B.; RESENDE, V. Em busca da perspectiva do Sul na cobertura do clima: uma contribuição dos estudos críticos do discurso. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 47, p. e2024107, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-58442024107pt>.

LYKKE, N. Non-innocent intersections of feminism and environmentalism. **Women, Gender and Research**, v. 3-4, p. 36-44, 2009. Disponível em: DOI: <https://tidsskrift.dk/KKF/article/download/27970/24599/64680>.

MARINGO, J. A. *et al.* O maior desastre climático do Brasil: chuvas e inundações no estado do Rio Grande do Sul em abril-maio 2024. **Estudos Avançados**, v. 38, n. 112, p. 203–228, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.202438112.012>.

MAKRAM, O. M.; PAN, A.; MADDOCK, J. E.; KASH, B. A. Nature and mental health in urban Texas: a NatureScore-based study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 21, n. 2, p. 168, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph21020168>.

RIZZOTTO, M. L. F.; COSTA, A. M.; LOBATO, L. V. C. Crise climática e os novos desafios para os sistemas de saúde: o caso das enchentes no Rio Grande do Sul/Brasil. **Saúde em Debate**, v. 48, n. 141, p. e141ED, abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/2358-28982024141EDP>.

SENAY, E.; GORE, K.; SHERMAN, J.; PATEL, S.; ZISKA, L.; LUCCIONI, R.; DE FELICE, N.; JUST, A.; NABEEL, I.; THANIK, E.; SHEFFIELD, P.; RIZZO, A.; WRIGHT, R. Unidos pelo clima e pela saúde: Anais da segunda reunião anual sobre mudanças climáticas clínicas, 24 de janeiro de 2020. **Revista de Medicina Ocupacional e Ambiental**, v. 63, n. 5, p. e308–e313, maio de 2021. DOI: <https://doi.org/10.1097/JOM.0000000000002186>.

SZYNISZEWSKA, A. M., AKRIVOU, A., BJÖRKLUND, N., BOBERG, J., BRADSHAW, C., DAMUS, M., GARDI, C., HANEA, A., KRITICOS, J., MAGGINI, R., MUSOLIN, D. L.; MACLEOD, A. Beyond the present: how climate change is relevant to pest risk analysis. **Environmental Politics**, [Online], 2024. DOI: <https://doi-org.ez8.periodicos.capes.gov.br/10.1111/epp.12986>

TORRES, P. H. C. *et al.* Justiça climática e as estratégias de adaptação às mudanças climáticas no Brasil e em Portugal. **Estudos Avançados**, v. 35, n. 102, p. 159–176, maio de 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35102.010>.

WILSON, J.; LAW, S. **Um breve guia sobre aquecimento global**. Tradução: Patricia Zimbres. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009. Disponível em: https://funag.gov.br/loja/download/651-Um_Breve_Guia_sobre_aquecimento_Global.pdf. Acesso em: 30 mar. 2025.

VAN SUSTEREN, L.; POLLACK, D. A. Climate impact on psychiatric diagnostic nomenclature. **Psychiatric News**, v. 54, n. 21, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1176/appi.pn.2019.11a15>.